

UMA VISÃO HISTÓRICA DO PAISAGISMO E DOS JARDINS CONTEMPORÂNEOS

(material didático de introdução)

Euler Sandeville

julho 2002

I. O CAMPO DO PAISAGISMO E OS JARDINS

II. OS JARDINS FORMAIS

III. OS JARDINS INFORMAIS

IV. O SÉCULO 19

V. O SÉCULO 20

VI. O FINAL DO SÉCULO 20 E INÍCIO DO 21

I. O CAMPO DO PAISAGISMO E OS JARDINS

Embora o paisagismo inclua os jardins como um de seus principais campos, é uma área de atuação mais abrangente. Por essa razão, muitas vezes a história do paisagismo abrange a dos jardins. Se considerarmos as revervas ecológicas modernas como grandes jardins criados para a expressão das dinâmicas da natureza e não apenas para as práticas humanas, teremos quase todo o campo do paisagismo abrangido, de algum modo, pela idéia de jardim. Ainda assim, não podemos esquecer que muitas vezes o projeto do espaço urbano não edificado, não requer qualquer espécie vegetal, como várias das praças européias mais conhecidas no mundo. Muitas vezes a vegetação não é o elemento estruturador mais importante de um projeto, jogando um papel decisivo em pé-de-igualdade com outros fatores, como nas implantações habitacionais ou de parcelamento do solo, onde além da vegetação há uma série de considerações como hidrografia e drenagem, morfologia do relevo, visuais, circulação e infraestrutura, tipologias urbanas e volumetrias edificadas, além da vegetação. Todos esses elementos devem ser considerados como definidores em um projeto de paisagismo e não apenas a vegetação.

As origens do paisagismo são por isso mesmo extensas, complexas e remotas. O emprego da vegetação nos espaços livres particulares remonta a milhares de anos. Ao que sabemos, pelo menos até as civilizações mesopotâmicas. Os Assírios criaram para caça os que são considerados hoje os primeiros parques do mundo. Os Jardins suspensos da Babilônia, cerca de 600 a.C., eram considerados uma das sete maravilhas do mundo antigo. Nessa cidade, as procissões dirigiam-se em direção ao rio por alamedas arborizadas. Os egípcios, persas, civilizações do extremo oriente e depois os romanos, todos realizaram jardins para seu prazer ou contemplação. Também as civilizações do oriente e da América pré-colombiana desenvolveram elaborados conceitos paisagísticos. As ruínas dos castelos desses povos indicam a existência dos jardins, bem como baixos relevos e pinturas murais, como as egípcias ou pompeianas, que os mostram nas residências mais abastadas.

Para os povos que viviam nos desertos a vegetação era sinônimo de conforto, representava a fecundidade e a satisfação das necessidades humanas. Os jardins evidenciam uma relação com a paisagem, uma idealização da natureza; para muitos autores o jardim é a idealização de um mundo sonhado, desejado. Os jardins além de uma referência à natureza sensível e tecnicamente organizada para os homens, são também um lugar de símbolos, de identidades. Como todo artefato são produto do trabalho, da cultura, da história, da escolha humana. Um jardim é um lugar de prazer, estético, sensorial, ambiental, uma percepção artística da natureza. A palavra quer dizer recinto, lugar fechado, onde reorganiza-se a natureza para uso próprio. Por outro lado, freqüentemente as pessoas julgam os jardins efêmeros, transitórios, transformando-os em mercadorias. Assim, várias idéias conflitantes e contraditórias podem ser associadas aos jardins.

JARDIM: IMAGINÁRIO ASSOCIADO À IDÉIA DE PARAÍSO

O LUGAR PARADISÍACO	FORA DO PARAÍSO
Prazer, fruição	Sofrimento, castigo
Fertilidade, produtividade	Carência
Trabalho com proveito	Trabalho com estresse
Realização pessoal familiaridade	Aniquilamento Hostilidade

PARES DE IDEIAS CONFLITANTES ASSOCIADAS AOS JARDINS

Saúde, higiene pública	X	miasmas
Decoro, civilidade	X	anarquia
Efêmero, caro	X	urgência
Prazer, lazer	X	utilidade, trabalho
Supérfluo, vaidade	X	necessidade
Lucro, nobre	X	vulgar

II. OS JARDINS FORMAIS

André Le Nôtre, Versailles, 1661 (Louis XIV). Plano de Abbé Delagrive, posterior a 1700. In Jellicoe 1987:187.

Basicamente, do ponto de vista plástico, consideram-se os jardins ocidentais até o século 18 como jardins formais. Associou-se a esta forma derivada de uma geometria rígida decorrente do desenho de figuras geométricas para os canteiros (sobretudo quadrados, retângulos e círculos, que alguns entendem como derivados da agricultura) a idéia de que representava o domínio do homem sobre a natureza, isto com uma conotação negativa.

Ao estudar as artes é necessário manter uma perspectiva integrada e não apenas uma visão de especialização. Por exemplo, na pré-renascença as pinturas de Giotto se integravam completamente com a arquitetura e esta na paisagem de colinas italianas nas quais se assentavam as cidades, vilas e conventos. É indispensável procurar uma visão integrada das manifestações culturais no ambiente e mais do que reduzir as produções humanas que constroem o ambiente a chavões do tipo que o jardim formal é contrário à natureza em decorrência de sua geometria, reconhecê-lo como uma rica síntese cultural no momento em que surgiu. Os jardins eram até então lugares privilegiados de uma elite, de modo que uma função social mais ampla para os jardins, apesar de alguns antecedentes nessa direção, teve que esperar até o século 19 e mesmo agora, no início do século 21 seu alcance tem sido muito limitado em grande quantidade de cidades.

Durante a Idade Média os jardins praticamente estiveram restritos aos conventos, onde tinham uma função utilitária. Eram pátios para cultivo de hortaliças e plantas medicinais, mas ainda assim, lugares privilegiados. Com a renascença os jardins ressurgem em grande estilo nas "Villas" italianas. Na renascença, arquitetura, decoração, escultura, pintura e jardins formavam um todo integrado nessas Vilas. Nos jardins italianos e depois nos franceses, usavam-se os "parterres", que eram desenhos feitos através da poda ornamental das plantas ao modo de uma tapeçaria sobre o solo. Os jardins também apresentavam eixos de simetria e vários caminhos secundários construídos para o percurso. Através dos jardins a vida se abria para o ar livre. As pessoas começaram a olhar mais para a natureza e considerá-la parte indispensável do mundo, além de fonte de riqueza, fonte de sabedoria e poética.

Com o maneirismo na Itália houve a introdução de elementos que estimulavam a fantasia, como em geral ocorreu também na arquitetura maneirista. Os franceses importaram toda cultura renascentista italiana, levando importantes mestres para o reino da França entre paisagistas, escultores, arquitetos e paisagistas. Mandavam também seus alunos estudar sobretudo em Roma os mestres desse passado até então recente. Com o Barroco e com a origem de um estado absolutista fortemente centralizado na França, esses jardins copiados em sua concepção teórica da Itália e adaptados em solo francês, adquiriram uma característica própria. Um dos primeiros grandes exemplos dessa apropriação do barroco francês foi o castelo de Vaux-le-Vicomte. Fouquet (Ministro das Finanças de Louis XIV) construiu o castelo e os jardins (obra de Le Nôtre).

Os jardins com seus bosques plantados, eram ricos em detalhes, e sua geometria era impecável. Possuía uma obra de hidráulica fantástica. Foi inaugurado com uma grande festa. Depois disso, Fouquet foi preso por Louis XIV, que levou toda a equipe para construir seu

próprio castelo, em Versalhes. Versalhes, como os jardins renascentistas, não era um jardim apenas para apreciar e sim para vivenciar. A corte reunida em Versalhes tinha intensa vida social que ocorria nos jardins. Seu eixo compositivo abria-se ao horizonte, ao infinito do ponto de fuga através de um grande canal de 3 km onde se podiam encenar batalhas navais. O jardim todo é uma complexa e refinada obra artística e de engenharia, até os mínimos detalhes dos degraus e parapeitos. Para funcionar todo esse grandioso sistema e alimentar suas dezenas de fontes a água foi trazida de um rio distante, através de uma imponente obra de engenharia hidráulica, que convergia simbolicamente nas esculturas por onde jorravam como fontes nesse jardim.

III. OS JARDINS INFORMAIS

Henry Hoare (banqueiro), Stourhead, 1740-60: Templo de Apolo in ENGE, Torsten Olaf; SCHÖER, Carl Friedrich. Garden architecture in Europe. Köln, Taschen, 1992, p. 217.

No século 18 ocorreu uma verdadeira revolução na apreciação da natureza iniciada com os holandeses e depois os ingleses, que convergiu em uma nova síntese original para os jardins nas propriedades rurais dos "landlords". Procurava-se uma nova forma de integração do homem com a natureza. É como se no classicismo o pingo que cai na chuva interessasse em si mesmo, enquanto o romantismo interessa-se pela vertigem com que cai e mistura-se com outros em uma poderosa corrente. A natureza não era considerada má como na idade média, mas criação divina, e portanto resultado de Sua sabedoria e digna de apreciação estética. Foi importante também a influência dos jardins do oriente, mostrando uma outra tradição de desenho com linhas mais sinuosas. Os percursos começaram a ser trabalhados com objetivo de criar mistério, estimular o deslocamento. A estrutura do jardim não era prontamente apreendida no seu todo. As pessoas se deslocavam na paisagem para poder percebê-la. O jardim inglês foi uma grande revolução estética na tradição de desenho dos jardins ocidentais, cuja influência chega aos dias de hoje.

IV. O SÉCULO 19

Olmsted, Central Park, N York, 1857 in Jellicoe 1987

Os espaços livres públicos, como ruas e praças, geralmente não eram arborizados até então, e sim definidos por elementos exclusivamente arquitetônicos, embora já houvesse surgido desde a renascença, aqui e ali, ruas arborizadas e jardins reservados nas residências urbanas. No século 19, a revolução industrial, o êxodo do campo e o crescimento das cidades formando as primeiras metrópoles modernas, tornaram as condições de vida as piores possíveis, gerando a consciência dos problemas sociais, sanitários, ambientais e de lazer coletivo. A população sofria com problemas de higiene e saneamento básico e com as injustiças sociais no ambiente de trabalho. As habitações da maioria das pessoas eram extremamente precárias (em Londres, no século 19, muitos viviam em cortiços), não existindo um conhecimento sobre os riscos de doenças provenientes da falta de higiene. Com isso surgiram doenças que se alastravam rapidamente nas cidades. A partir daí, procurou-se soluções que originaram as primeiras idéias sobre o saneamento básico, teorias sociais que apontavam para o comunismo e o anarquismo no bojo de importantes lutas sociais, e movimentos utópicos de evasão dessa realidade buscando uma harmonia perdida na cidade industrial através de um retorno ao campo.

A partir daí se tornou quase uma necessidade a arborização dos espaços públicos, com a criação freqüente de bulevares e parques. A vegetação passou a fazer parte do espaço da cidade industrial, como um elemento simbólico de conotação bucólica e o repertório plástico utilizado era o do paisagismo francês e inglês. Este fato estabeleceu uma nova função social para o espaço livre na construção do espaço urbano. Na segunda metade do século 19 encontramos a origem e sistematização inicial de uma série de idéias que viriam a constituir algumas das bases mais importantes do paisagismo moderno:

1. sistemas de parques e praças urbanas de lazer e convívio para as massas;
2. sistemas de espaços urbanos de controle ambiental;
3. parques naturais;
4. o landscape architecture como foi designado por Olmsted

O pensamento no séc. 19 foi sobretudo civilizatório, a partir da noção de progresso, e o jardim é um indício de uma tal atitude. A "vida" nas cidades acontecia nas ruas, marcada pela multidão, tornando necessários espaços coletivos dos parques e praças urbanas para que este convívio existisse de forma agradável. O paisagismo passou a trabalhar com espaços públicos não edificados na cidade e não apenas com as grandes propriedades rurais da nobreza e da realeza. A construção dos jardins públicos tornou-se ao mesmo tempo uma atitude civilizatória e higiênica, criando espaços coletivos para uma vida saudável ao ar livre. A população começou a valorizar a natureza representada como lugares de higienização e lazer no tecido urbano.

Um exemplo importante destes acontecimentos foi Paris, cuja reforma radical esteve sob os cuidados de Haussmann e o paisagismo de Alphand. Trabalhou a partir da criação de um verdadeiro sistema de espaços livres públicos, no qual muitas vezes as ruas decorrem de uma geometria retilínea em perspectiva, derivada do paisagismo barroco e os parques, de linhas curvas com aparência irregular imitando a natureza representada assim desde os parques ingleses do século anterior. Outro exemplo importante do paisagismo do século 19 foram os trabalhos de Olmsted nos Estados Unidos, sendo alguns dos mais notáveis a criação do Central Park de Nova Iorque e Sistema de Espaços Públicos de Boston ("colar de esmeraldas") onde a questão ambiental foi enfrentada pela

primeira vez de um modo integrado na escala da cidade e a partir de uma preocupação estética. Este paisagista foi considerado o criador da profissão Landscape Architecture. O paisagismo contribuiu para o repertório do desenho das cidades (exemplo, os sistemas de avenidas barrocas, a sinuosidade dos parques naturalistas e a origem da idéia das cidades jardins). Porém o aspecto mais importante foi que começou a ser visto em sua função social de qualificar o espaço urbano e não apenas os espaços da nobreza.

V. O SÉCULO 20

A cidade começou a ser vista e pensada em sua totalidade, e a representação da natureza desenvolvida desde a renascença até o ecletismo do século 19, deu lugar a uma crise e questionamento que conduziu à ARTE MODERNA no século 20. A natureza deixou de ser a referência básica. As cidades se tornaram objetos de estudos da sociologia. Tornaram-se também a fonte de inspiração estética. A base do modernismo está na idéia de Progresso, tão bem representada pela cidade e pela industrialização. O homem pensava que poderia dominar a natureza através do progresso. Entre 1904 e 1925 tiveram lugar os principais movimentos artísticos de vanguarda (fauvismo, cubismo, expressionismo, futurismo, dada, surrealismo). A arquitetura nesse período é muitas vezes referida como Proto-moderna, de onde, depois da 1º Guerra Mundial, na década de 20, se desenvolveram o Art Deco e a Arquitetura Moderna. Mas uma experiência de paisagismo realmente moderno aconteceria apenas a partir da década de 30, nos EUA com Church ao lado de outros paisagistas como Tunnard (inglês), Eckbo e Halprin (norte-americanos) e no Brasil em especial com Burle Marx.

Era comum no ecletismo o tratamento ajardinado das residências urbanas das classes mais abastadas e dos espaços notáveis da cidade. Talvez tenham sido os ingleses e depois os norte-americanos os primeiros a estenderem esse privilégio à classe média, com a emergência dos modos de vida urbanos depois da I Guerra, surgindo nos EUA a partir da década de 40 uma escola moderna de paisagismo com expoentes como Thomas Church e Garret Eckbo. A origem do paisagismo moderno nos EUA está ligada a imigração de grandes mestres alemães da Bauhaus: Mies, Gropius, Albers e outros, fugindo da perseguição política na Europa e da II Guerra Mundial que se seguiu. Os EUA, que já havia saído como uma grande potência da primeira guerra, saem com uma posição hegemônica da segunda, e o mundo cai no abismo da dicotomia da guerra fria. Nesse contexto, Nova Iorque substituiu Paris como capital artística global. Gropius teve um papel decisivo na origem do paisagismo moderno norte-americano. Ensino em Harvard, onde havia um grupo de estudantes de Landscape Architecture inconformados com o ensino acadêmico. Destes, Eckbo se tornaria o de maior influência, entendendo o paisagismo de um modo avançado, procurando uma racionalidade que incluía desde o lote do cliente particular até o bairro e abria conceitualmente a possibilidade de trabalho na questão territorial, o que veio a ser desenvolvido por Ian McHarg. Na década de 60, Halprin acrescentaria a esse método racional de Eckbo novas dimensões, influenciado pela arte pop, decorrentes da investigação do processo criativo e da preocupação com a participação do usuário (RSPV- "Resource, Score, Value, Performance"). Uma maior preocupação social foi típica desse momento, que também veio a influenciar o urbanismo com trabalhos de percepção do espaço e da participação dos usuários no projeto.

Desde então o paisagismo ocidental adquiriu importância cada vez maior nas cidades e evoluiu constantemente. Podemos dizer que o paisagismo tornou-se uma necessidade social das cidades industriais. As tendências urbanísticas modernas com freqüência valorizam muito os espaços verdes, como em Le Corbusier e nas cidades jardins, bem como na arquitetura moderna de Wright, Neutra, Barragán e outros. Sob influência do romantismo e o nacionalismo do século 19, começou-se a defender também a necessidade do emprego das espécies autóctones no paisagismo em contraposição à cópia de modelos sobretudo

exóticos. Este pensamento convergiu no século 20 em propostas pioneiras, como as de Jens Jensen que realizou inúmeros projetos para obras de Sullivan e Wright nos EUA e, no Brasil, com Roberto Burle Marx, pioneiro da origem do paisagismo moderno e considerado o paisagista mais importante do século 20 segundo muitos autores.

VI. O FINAL DO SÉCULO 20 E INÍCIO DO 21

A partir dos anos 70 adquiriu grande importância nos cenários internacionais e locais a crise ambiental, gerando alguns "fóruns" globalizados como a Conferencia de 72 e a Eco 92. O questionamento do modernismo nos últimos 30 anos do século passado, trouxe novas tendências artísticas que enriqueceram a linguagem projetual, especialmente o desconstrutivismo e o minimalismo, com paisagistas como Peter Walker e projetos como os parques franceses em La Villette e o Citroën. Estas tendências recentes priorizaram como determinante o aspecto conceitual e artístico do projeto. Porém há outras correntes igualmente importantes.

Os conhecimentos ecológicos promovem hoje uma nova revolução no paisagismo. Muito influenciados em sua origem pela visão pitoresca da paisagem, como em Humboldt no início do século 19, para quem a vegetação era o elemento mais notável da paisagem, produziu um deslocamento do olhar do ente isolado na natureza, tal como comparecia em Linneu, para seu entendimento num sistema. O desenvolvimento científico em sua procura de objetividade e comprovação experimental, separou a apreciação sensível do valor científico. O conhecimento ecológico e a crise ambiental global forçaram a emergência de movimentos ambientalistas, que recolocaram a discussão do papel da sociedade perante a natureza. Tais conhecimentos estão hoje sendo incorporados como determinantes de projetos, abrindo novas perspectivas de investigação das propostas de qualificação do ambiente humano.

O movimento pela preservação dos recursos naturais deslocou-se da questão cênica para a discussão da biodiversidade e promoveu a emergência de novos campos de trabalho que integram em equipes multidisciplinares as técnicas do planejamento da paisagem e os conhecimentos da conservação ambiental e da ecologia da paisagem. A partir da contribuição de Ian McHarg, desenvolveu-se uma abordagem sistêmica da paisagem no âmbito da arquitetura da paisagem, que inclui novas técnicas de monitoramento e em anos recentes valorizam-se abordagens que procuram transpor esses conhecimentos para a escala do projeto e do espaço urbano, como em John Lyle e Anne Spirn. Herdeiros de uma preciosa, diversificada e elaborada tradição estética do projeto, as maiores inovações tendem a ser, atualmente, aquelas que pesquisam a incorporação dos conhecimentos sobre ecologia, paisagem e participação social no projeto.